

MASSACRE NO RIO. Segurança nas escolas

# Ataque preocupa colégios de São Paulo

Apesar dos cuidados já adotados, escolas devem investir mais no controle do acesso às dependências para segurança de alunos e professores



Segurança. Policiais militares da Ronda Escolar observam a saída de alunos da Escola Estadual Antonio Firmino de Proença, na Mooca, zona leste

Carlos Lordelo  
Felipe Mortara  
ESTADÃO.EDU

A tragédia causada pelo atirador na escola do Rio deixou diretores de colégios de São Paulo preocupados com a segurança. O Colégio Agostiniano Mendel, no Tatuapé, zona leste, acelerou a contratação de vigilantes para controlar o acesso às dependências. "É crucial ter mais gente cuidando da entrada e saída de nossos estudantes", diz o coordenador do ensino médio, Luiz Felipe Fuke.

O professor afirmou que ninguém tem acesso livre à escola, com exceção dos estudantes uniformizados. "Os visitantes precisam se identificar na recepção. Nem os pais podem entrar sem autorização." Segundo Fuke nunca houve ocorrências graves envolvendo alunos no Mendel. Já o Vértice vai manter seu es-

quema de segurança atual. "O que aconteceu no Rio nos deixou muito preocupados, mas nosso modelo de vigilância tem funcionado bem", disse o diretor Adilson Garcia.

O colégio do Campo Belo, zona sul, tem funcionários antigos na portaria e terceiriza o serviço de vigilância externa. Agentes a pé e em carros fazem rondas nos arredores da escola, que também instalou câmeras em ruas vizinhas. Estudantes só entram de uniforme e ex-alunos têm horário determinado para visitas.

Para a diretora-geral do Rio Branco, Esther Carvalho, apesar da comoção do momento, é preciso "tranquilidade" para "refinar" os procedimentos de vigilância. "Vamos avaliar o que pode ser melhorado, mas não podemos entrar nesse clima de insegurança coletiva."

Na unidade Higienópolis, o colégio tem quatro seguranças na área externa e um vigilante na

portaria, além de câmeras e inspetores de alunos.

Além dessas escolas, outras 12 não responderam ou não quiseram falar sobre seus esquemas de vigilância. Uma delas alegou que "o momento é delicado".

**Rede pública.** O governo estadual divulgou nota no início da noite lamentando o incidente no Rio. Segundo a gestão Geraldo Alekmin (PSDB), os estabeleci-

## Reações

### LUIZ FELIPE FUKE

COORDENADOR DO ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO AGOSTINIANO MENDEL  
"É crucial ter mais gente cuidando da entrada e saída de nossos estudantes"

### ADILSON GARCIA

DIRETOR DO VÉRTICE  
"O que aconteceu no Rio nos deixou muito preocupados"

mentos de ensino têm apoio de 23 mil agentes que controlam a entrada e saída dos alunos, além do reforço da Ronda Escolar da Polícia Militar nos horários mais movimentados.

O secretário estadual de Educação, Herman Voorwald, ligou a tragédia à universalização do ensino fundamental e médio no País. "A escola pública trouxe a sociedade para dentro dela e, conseqüentemente, incorporou muitos problemas sociais, antes estranhos ao ambiente escolar."

Também por nota, o Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp) disse que são "corriqueiros" casos de violência nas escolas e no entorno. "No Estado de São Paulo, a vulnerabilidade decorre também da ausência de funcionários em número suficiente e da extinção de funções como a de porteiro e inspetores." O governo fala em "reorganização de funções".

A Prefeitura orientou ontem as Diretorias Regionais de Educação a reforçar os procedimentos de vigilância nas escolas municipais. Nas unidades, inspetores vigiam os acessos nos períodos de entrada e saída de alunos.

**Risco.** Para Ulisses Nascimento, especialista em segurança de instituições de ensino, não dá para garantir segurança total à comunidade escolar. "Há dois fatores de risco principais: o meio externo – como o crime organizado – e o fator humano, que pode cometer erros", afirma. Ele diz que a tecnologia é importante, mas profissionais bem qualificados são imprescindíveis.

## Sem controle ESCOLA TEM LIVRE ACESSO

Elvis Pereira  
JORNAL DA TARDE

Não é necessário ser aluno ou professor para entrar na Escola Estadual Professor Walfredo Arantes Caldas, na Brasilândia, zona norte de São Paulo. Basta esperar o horário de entrada dos estudantes e se misturar a eles. Foi o que fez a reportagem no início da tarde de ontem. Entrou, teve livre acesso aos corredores das salas repletas de crianças, circulou pelo pátio e saiu. Tudo sem ter de se identificar e sem ser abordado por nenhum funcionário.

Durante o horário das aulas, a reportagem também esteve em outras três escolas públicas: Espiridião Rosas, no Jaguaré, zona oeste; Mário Helena de Arruda, na Brasilândia, zona norte; e Ministro Costa Manso, no Itaim-Bibi, zona sul.

Nelas, foi possível chegar apenas até a secretaria. O pátio fica fechado, impedindo o acesso até as salas de aula.

Em nota, a Secretaria de Estado da Educação informou que "as escolas estaduais são equipamentos públicos abertos aos alunos, pais, professores e comunidade", que contam com o "apoio de 23 mil agentes para a entrada e saída dos estudantes" e que 1,5 mil escolas estaduais são monitoradas por câmeras.

A rede municipal de ensino, por sua vez, mantém inspetores nos períodos de entrada e saída de estudantes. No resto do dia, portões ficam fechados.

ESTADÃO **ESPN**

FM 92,9 – AM 700

Acompanhe o 'Metrópole'

Segunda a sexta, das 9h30 às 10h30